

E ASSIM SE CONSTRÓI UM PARTIDO: ÊXITOS E REVESES NA TRAJETÓRIA INICIAL DO PARTIDO DOS TRABALHADORES PONTA-GROSSENSE (1980-2000)

Ricardo Enguel Gonçalves¹

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo problematizar, a partir de diálogos com a Ciência Política, a trajetória inicial do Partido dos Trabalhadores (PT) na cidade de Ponta Grossa (PR). Por trajetória inicial este texto compreende as décadas de 80 e 90, ou seja, englobando desde a criação da sigla partidária até sua chegada ao poder local, feito obtido através das eleições de outubro de 2000. Amparado pelos pressupostos da História Política Renovada, autores como Rémond (2003) serão trazidos à baila durante a construção textual, enquadrando, desse modo, esta pesquisa ao campo da História Política. Ao longo do texto serão discutidas estratégias de atuação do PT local, bem como as conexões e ligações entre os atores sociais empenhados com a instalação e desenvolvimento do partido em solo ponta-grossense. A condição do partido lançar-se para além de sigla meramente eleitoreira será percebida conforme os diálogos com sindicatos e movimentos populares aparecerem na escrita, colocando, portanto, o PT local como agremiação política em contato com a realidade social na qual estava inserida. Essa característica reforça a ideia de que o partido detém um programa, age na sociedade e, assim, amparado por sua ideologia, provoca tensões com outros segmentos. O caso do PT em Ponta Grossa é ainda interessante por proporcionar um debate com setores do catolicismo progressista, uma vez que sacerdotes católicos e militantes ligados às pastorais católicas participam diretamente da construção da legenda em solo municipal. Com isso, as tensões ficam ainda mais evidentes, haja vista o embate propiciado com os conservadorismos corriqueiros da região. O *corpus* documental referente ao PT, utilizado por este trabalho, pode ser encontrado na seção de arquivos históricos do Museu Campos Gerais, instituição vinculada à Universidade Estadual de Ponta Grossa. Uma entrevista on-line e consultas aos portais do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e Tribunal Regional Eleitoral do Paraná (TRE-PR) completam a documentação pertinente para elaboração da presente reflexão.

Palavras-chave: Partido dos Trabalhadores; Política municipal; Ponta Grossa; Eleições municipais.

AND SO A PARTY IS BUILT: SUCCESSES AND SETBACKS IN THE INITIAL TRAJECTORY OF THE PONTA-GROSSA WORKERS' PARTY (1980-2000)

Abstract: This paper aims to problematize, from dialogues with Political Science, the initial trajectory of the Workers' Party (PT) in the city of Ponta Grossa (PR). By initial

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.
E-mail: ricardoenguel1@gmail.com

trajectory this text includes the 80s and 90s, i.e., since the creation of the acronym party until its arrival to local power, obtained through the elections of October 2000. Supported by the assumptions of the Renewed Political History, authors like Rémond (2003) will be brought up during the textual construction, framing, thus, this research to the field of Political History. Throughout the text, strategies of action of the local PT will be discussed, as well as the connections and links between the social actors committed to the installation and development of the party in Ponta-grossense soil. The condition of the party to go beyond a merely electoral acronym will be perceived as the dialogues with unions and popular movements appear in the writing, placing, therefore, the local PT as a political organization in contact with the social reality in which it was inserted. This characteristic reinforces the idea that the party has a program, acts in society and thus, supported by its ideology, causes tensions with other segments. The case of the PT in Ponta Grossa is also interesting because it provides a debate with sectors of progressive Catholicism, since Catholic priests and activists linked to Catholic ministries participate directly in the construction of the legend on municipal ground. With this, the tensions become even more evident, given the clash with the usual conservatism of the region. The documental corpus referring to the PT, used for this work, can be found in the historical archives section of the Campos Gerais Museum, an institution linked to the State University of Ponta Grossa. An online interview and consultations to the portals of the Superior Electoral Court (TSE) and Regional Electoral Court of Paraná (TRE-PR), complete the relevant documentation for the elaboration of the present reflection.

Keywords: Workers' Party; Municipal politics; Ponta Grossa; Municipal elections.

INTRODUÇÃO

As considerações apresentadas neste texto têm sua fundamentação na monografia de conclusão de curso produzida para fins de obtenção do título de Licenciado em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), no ano de 2021. Para o desenvolvimento do projeto, foram feitas sucessivas consultas ao Acervo de Memória Política Péricles de Mello (AMPPM), disponível para os interessados em formato físico nas dependências do Museu Campos Gerais, vinculado à Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Paralelamente ao trabalho de consulta ao acervo documental, entrevistou-se, através da plataforma *Google Meet*, o cofundador e principal liderança do PT em âmbito municipal, Péricles de Holleben Mello. Informações e dados sobre as campanhas políticas, bem como os resultados eleitorais, foram extraídos do *site* do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e Tribunal Regional Eleitoral do Estado do Paraná (TRE-PR). A diversidade encontrada no acervo consultado possibilitou

que esta pesquisa desenvolvesse um interessante e profícuo debate sobre os primeiros vinte anos da trajetória do Partido dos Trabalhadores (PT) no município de Ponta Grossa.

Portanto, relatórios redigidos para informar e prestar contas à população e filiados sobre os mandatos petistas em âmbito local, materiais de campanha, recortes de jornais locais, fotografias de lideranças do partido, folhetos, livretos, materiais internos de formação da militância, rascunhos para debates públicos e esboços para discursos, entre outros, puderam ser analisados e problematizados pela pesquisa historiográfica. Respaldo-se pelo método qualitativo, a pesquisa confrontou o *corpus* documental perscrutado com o relato oral selecionado, construindo, dessa forma, um raciocínio historiográfico com base nas conexões possíveis.

O último pleito eleitoral do século XX, ocorrido em primeiro de outubro de 2000, foi responsável pela configuração ou reconfiguração dos quadros políticos municipais em todas as cidades do Brasil. A eleição que reforçou a influência do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) na política nacional, uma vez que sagrou o partido vitorioso em 1.260 cidades², também contemplou o Partido dos Trabalhadores (PT) com 200 prefeituras conquistadas na ocasião³. Nesse rol de vitórias alcançadas pelo PT, encontra-se a inédita vitória do partido na cidade paranaense de Ponta Grossa, localizada cerca de cem quilômetros da capital do estado, Curitiba.

O escopo deste artigo é discutir a trajetória inicial do Partido dos Trabalhadores na cidade de Ponta Grossa. Por trajetória inicial, este texto entende as duas décadas responsáveis pela instalação, formação, desenvolvimento e vitória eleitoral da sigla em solo municipal, estabelecendo, portanto, a temporalidade de pesquisa entre 1980 e 2000. Os anos 80, conhecido por registrar a fundação oficial do PT em âmbito nacional, é escolhido pela pesquisa por abranger também a criação do Diretório petista em território municipal na cidade pesquisada. Já os anos 2000, escolhido para finalizar o recorte do trabalho, deve-se pela vitória eleitoral do candidato do PT ao cargo de prefeito na cidade de Ponta Grossa, logo, encerrando assim um ciclo de duas décadas de luta pelo poder e início de aplicação de projetos de governo alternativos aos até então em vigência.

² No ano de 2000, segundo dados do IBGE, o Brasil possuía 5.507 municípios emancipados.

³ BRASIL, 2000.

Levando-se em consideração a história da cidade ponta-grossense, este artigo irá mapear, a partir da análise da entrevista concedida por Péricles de Mello, da observação e da problematização do *corpus* documental pesquisado junto ao Museu Campos Gerais, alguns dos principais atores políticos envolvidos com a história preambular do PT no município. Serão discutidos, nesse sentido, os desdobramentos do partido em âmbito local, suas relações com os movimentos populares e sindicais em emergência no decorrer dos anos 80 e 90, bem como as estratégias adotadas pelo Diretório Municipal para efetivar a chegada do candidato petista ao Palácio do Ronda (local de funcionamento do gabinete do Prefeito na cidade de Ponta Grossa) na eleição de 2000. Ao coadunar o relato oral, isto é, a entrevista de Péricles de Mello; os relatos escritos – relatórios, materiais de campanha, recortes jornalísticos, dados oficiais confeccionados pela autoridade eleitoral (TSE e TRE) –, e uma bibliografia adequada sobre o assunto, este trabalho produz uma reflexão própria e pertinente para a discussão historiográfica acerca dos primeiros anos do Partido dos Trabalhadores (PT) local.

A trajetória do PT⁴ na cidade de Ponta Grossa pode ser dividida em três fases. A primeira, como trazido alhures, abrange as duas décadas iniciais do partido em solo municipal (1980-2000), contemplando o chamado vintênio. A segunda fase, corresponde aos quatro anos de governo petista na cidade, quais sejam 2001 a 2004. Por último, a terceira fase, trata dos anos pós-governo do Partido dos Trabalhadores na cidade, momento em que atualmente circunscreve a história política do município. Como este artigo objetiva descrever a primeira fase da trajetória petista, buscar-se-á o movimento embrionário para explicar a gênese e consolidação do PT em Ponta Grossa.

PONTA GROSSA, UMA BREVE APRESENTAÇÃO

A cidade explorada por esta pesquisa é uma dentre tantas que herdou o legado de sua colonização e formação: as consequências do fato social conhecido como concentração de terra, ou seja, o latifúndio. Palmilhada ainda por volta do século XVIII, quando a presença da nobiliarquia paulista se fez sentir através de concessões de terras às famílias tradicionais por parte da Corte, a região que hoje é chamada de Campos

⁴ Para informações sobre a trajetória do PT em âmbito nacional, vide SECCO (2011) e AMARAL (2003).

Gerais passou a ser estruturada. Ponta Grossa, que é atualmente a cidade mais importante desse grupo de municípios que congregam os Campos Gerais, somente efetivou-se como tal nos idos do século XIX. Ainda nos Setecentos, marcada pela rota tropeira que ligava o Sudeste ao extremo sul do Brasil, Ponta Grossa presenciou a formação de pequenas vilas ao longo do caminho das tropas, o que, de certa forma, proporcionou um comércio incipiente na região permeada pelas extensas fazendas usadas para invernada do gado trazido do Rio Grande do Sul (DITZEL, 2000).

A configuração dessa primeira característica inerente à história política pontagrossense, teria repercussão significativa anos depois quando o instrumento eleitoral passou a vigorar como forma de legitimação e autorização dos sujeitos aptos a governar. Na virada do século XIX para o XX, quando já emancipada da Comarca de Castro, Ponta Grossa foi novamente palmilhada, desta vez por meio da estrada de ferro – primeiro ligando Ponta Grossa ao litoral do Paraná e depois Ponta Grossa ao Sul e Sudeste do Brasil. A chegada da ferrovia trouxe à cidade novas relações de sociabilidade, costumes, práticas e poder. Era a modernidade burguesa adentrando a região no alvorecer do século XX (SCHIMANSKI, 2007).

Assim como no Brasil, os projetos de poder discutidos e disputados durante o século passado chegaram também em solo municipal. Quando a Ação Integralista Brasileira (AIB) mostrava-se como opção aos brasileiros, durante os anos 30, os munícipes eleitores pontagrossenses levaram à Câmara Municipal metade dos vereadores filiados ao partido de extrema direita na eleição de 1935. Outro fator preponderante foi o sucesso eleitoral do candidato à presidência em 1955 pelo Partido de Representação Popular (PRP), Plínio Salgado, nas urnas locais (DITZEL, 2000).

A ditadura civil-militar (1964-1985), também interferiu nos quadros políticos municipais de Ponta Grossa. O prefeito em exercício, José Hoffmann (PTN), foi coagido a renunciar, em 1966, devido ao fato de a postura do governante não agradar os militares fiadores do golpe de 1964 (CHAMMA, 1988).

Dessa maneira, como assevera Schimanski:

[...] entre o final do século XIX e o início do século XX a cidade passou por inúmeras transformações de ordem sócio-econômica: advento das ferrovias, urbanização, crescimento do comércio e da indústria; novos atores sociais que passaram a compor o cenário pontagrossense com a chegada dos imigrantes europeus. No entanto, no que se refere às estruturas de poder, estas permaneceram inalteradas ao longo do século XX. O poder local tem

estado, historicamente, irremediavelmente ligado a interesses de grupos políticos, os quais irão conduzir o processo de modernização da cidade a partir de sua lógica conservadora. (SCHIMANSKI, 2007, p. 89)

Por outro lado, seguindo o que acontecia em outras regiões do Brasil, o ano de 1976 emplacou significativa derrota aos militares. Em contexto local, Ponta Grossa elegia o prefeito Luiz Carlos Stanislawczuk (MDB), candidato de oposição aos arenistas. Ainda que avesso aos políticos fiadores do golpe de 64, a gestão do emedebista não pode ser confundida como popular ou com tendências populistas.

Dessa forma, consideramos que, desde os primórdios, a disputa pelo poder local na política ponta-grossense foi marcada por tensões entre conservadores e liberais. Mesmo que em determinado momento pudesse haver uma união de ambos para obtenção de eventuais benefícios comuns, esses dois grupos somente passariam a ser ameaçados, de fato, a partir da chegada do Partido dos Trabalhadores (PT) ao cenário político municipal; o que aconteceria em 1980.

O INÍCIO DO PROCESSO: A PRIMEIRA DÉCADA DO PT EM SOLO MUNICIPAL

A historiografia responsável por problematizar a fundação do PT na esfera nacional é conclusiva. Para ela, o dia 10 de fevereiro de 1980, nas intermediações do colégio Sion, em São Paulo, trata-se do marco oficial da agremiação política emergente. Nesse sentido, como explorado pelo campo do saber histórico, o PT oficializado em 1980 traz em sua biografia as consequências conjunturais que marcaram o Brasil ao longo dos anos, em especial a década de 70 do século XX. As duras expensas pagas pelos trabalhadores desde a deflagração do golpe de Estado em 1964 produziram, com o passar dos anos, um descontentamento em larga escala tanto na classe pobre quanto na classe média. No entanto, com a forte repressão aplicada aos sindicatos que se encontravam sob intervenção, Ministério do Trabalho aparelhado aos interesses dos militares e o autoritarismo espalhado por todo o país, o instrumento legítimo de reivindicação da classe assalariada – a greve – sofreu impactos por parte burocracia ditatorial. Mesmo assim, não se pode afirmar inexistência de tais práticas, pois o ano de 1968 registrou movimentos paredistas na cidade mineira de Contagem e na paulista Osasco (NORONHA e OLIVEIRA, 2015).

Não obstante, as grandes manifestações da classe trabalhadora retornariam à cena política em meados da segunda década de 70, contribuindo com o declínio do governo militar. Com as greves do ABCD paulista – Santo André, São Bernardo, São Caetano e Diadema – principalmente as de 1978, 1979 e 1980, o impulsionamento da força trabalhadora rendeu aos grevistas conquistas relevantes para fortalecimento do processo de reabertura democrática. Dentre elas, a polêmica anistia, efetivada em agosto de 1979 e o novo sindicalismo, que culminaria com a criação da Central Única dos Trabalhadores (CUT) em agosto de 1983. Das greves do fim da década resultaram também a criação do Partido dos Trabalhadores (PT), tendo na figura do Lula sua principal liderança (KECK, 1991).

A clássica reunião de fundação do PT em fevereiro de 1980 em São Paulo determinou o início da trajetória da sigla por todo o país. A partir dela, estavam aptos os demais Estados e municípios a instalarem Diretórios estaduais e municipais com intuito de condensar a militância petista em torno da oficialização da legenda, filiação de adeptos e construção de projetos político-sociais.

A cidade de Ponta Grossa, quarta maior do Estado paranaense nos idos de 1980, contou com a presença do engenheiro civil e professor universitário Péricles de Mello no evento realizado no colégio Sion. Como um dos signatários do livro de fundação nacional do PT, Péricles também traz em sua trajetória as movimentações para fundação do partido na cidade paranaense⁵.

Conforme investigado por este trabalho, as origens do PT em Ponta Grossa passam fundamentalmente por dois segmentos envolvidos com a política local. O primeiro, e que de certa forma estava em consonância com o PT em âmbito nacional, é o *Movimento Pró-PT*. Este movimento, heterogêneo por excelência, congregava os trabalhadores, os estudantes, os professores da educação básica e superior, os políticos egressos do antigo MDB e os religiosos progressistas (de várias religiões). Já o segundo grupo tem um caráter mais específico, pois trata-se do braço ligado ao catolicismo progressista. Não concluímos que a igreja Católica institucional tivera ligação com a

⁵ O pequeno trecho sobre a biografia de Péricles foi encontrado em material de campanha para prefeito de Ponta Grossa relativo ao ano de 1982. O material conhecido como “santinho” está disponível no acervo físico nas dependências do Museu Campos Gerais.

instalação do partido, porém, a presença de lideranças vinculadas às pastorais católicas é inquestionável⁶.

Como salientado pelo futuro prefeito petista Péricles de Mello:

[...] acontecia em Ponta Grossa um movimento político muito interessante, que tinha como base a Pastoral Universitária. [...] A Pastoral Universitária foi organizada por um padre famoso, cientista social [natural] famoso, que morou dez anos em Ponta Grossa, padre Giuseppe Leonardi. Ele formou a Pastoral Universitária, acabou sendo coordenador nacional, ele tinha uma visão muito crítica ao sistema, uma visão da igreja que tinha assim algumas influências do passado pela Teologia da Libertação, é uma coisa mais suave um pouco, mas ele influenciou toda uma geração de estudantes pontagrossenses. Eu não vim dessa vertente, mas como eu já vinha com uma visão de esquerda eu comecei a participar da pastoral também, mas não era quadro da pastoral. Mas nós tínhamos quadros importantes da pastoral que tão no PT até hoje, o Valmir de Santi, o Rene Guimarães, o Darcy Marochi que depois fundaram o Centro de Direitos Humanos de Ponta Grossa, outra vertente de formação do PT ligada à Igreja Católica (MELLO, 2020).

A fala do cofundador do PT é muito importante para compreender a trajetória da agremiação política em solo municipal. Como dito por Mello, a organização da Pastoral Universitária sob coordenação do padre Guiseppe Leonardi e sua preocupação com a conjuntura social da época foi decisiva para a influenciar uma geração de estudantes e trabalhadores vinculados ao setor católico. A procedência da afirmação feita pelo político pode ser percebida na ascensão que muitos desses atores envolvidos com a militância católica tiveram ao longo dos anos 80, 90 e 2000 na história do PT.

Valmir de Santi, por exemplo, candidato a vereador pelo PT em 1988, era liderança tanto na Pastoral Universitária quanto na Pastoral da Juventude, além de atuar nas ações da Pastoral da Saúde da diocese. Sua trajetória ainda contava com a vinculação direta nas movimentações do expoente Centro de Defesa dos Direitos Humanos de Ponta Grossa (CDDH), organização importante na década de 80 e 90 no município na promoção de campanhas e ações para mitigar os problemas sociais como a fome, a miséria e as violações básicas de cidadania. Além da biografia de Valmir de Santi comprovar muito bem essa tese de que a militância católica pontagrossense foi

⁶ A conclusão apresentada é feita com base na confrontação do relato oral de Péricles de Mello e o *corpus* documental estudado.

importante na construção do partido na cidade, Darcy Marochi é outro integrante desse mesmo grupo⁷.

O nome de Marochi esteve presente nas disputas eleitorais logo em 1982. Dentista de formação e especializado em saúde pública, compôs o quadro diretivo do Centro de Defesa dos Direitos Humanos (CDDH) na condição de presidente⁸. Se, por um lado, a composição de lideranças advindas do catolicismo era forte, por outro, também se percebia a adesão ao projeto petista por parte de egressos do MDB. Péricles de Mello e Aderbal de Mello foram exemplo dessa prática. Péricles esteve ligado às lutas contra a ditadura no interior do movimento estudantil ainda nos anos 70, quando era acadêmico de engenharia civil pela Universidade Federal do Paraná. Vice-presidente da ala Jovem do MDB, ingressou no *Movimento Pró-PT* depois de ouvir os discursos de Lula durante as greves do ABCD paulista. Seu irmão Aderbal de Mello o seguiu e, juntos, impulsionaram a fundação do PT em Ponta Grossa⁹.

A sigla que assina o dia 14 de fevereiro de 1980 como data oficial de fundação em território municipal passou a discutir o projeto alternativo de cidade nas urnas a partir de 1982 e nas ruas logo em 1980. Da militância organizada e combativa, reunida sob as bases da Pastoral Universitária (PU), surgiu em 1980 a Comissão de defesa da praça (Codep)¹⁰. Ainda que não empolgasse como movimento fortemente contestador do contexto desigual, repressivo e crítico vivenciado à época, a Codep deve ser lida na perspectiva de fagulha, isto é, de organismo com potencial unificador e reivindicatório numa cidade ideologicamente representada no imaginário midiático e institucional como “morigerada” (SCHIMANSKI, 2007). O escopo da Codep era impedir que a gestão do emedebista Luiz Carlos Stanislawczuk remodelasse a praça Barão do Rio Branco, uma praça histórica para os munícipes.

O que se constatou doravante foi um acréscimo considerável na reorganização da classe trabalhadora através dos sindicatos de categoria, dos comitês unificados, das

⁷ A trajetória de Valmir de Santi foi obtida através dos materiais encontrados no acervo. O mais esclarecedor, portanto, a principal fonte, foi o “santinho” para deputado estadual relativo à eleição estadual de 1986.

⁸ A biografia de Darcy Marochi foi extraída do material de campanha – “santinho” – quando o mesmo concorreu ao cargo de vice-prefeito compondo a chapa com Silvio Silva, em 1988.

⁹ (MELLO, 2020).

¹⁰ Considerações feitas a partir do documento físico intitulado *O PT é outra História: histórico nacional e local*, assinado por Darcy Marochi, em março de 2000. A finalidade do documento era a de ser o folheto do Encontro de Formação do Partido dos Trabalhadores, ocorrido na mesma época.

comissões e dos centros de defesa de interesses populares. Ponta Grossa, a primeira cidade paranaense a realizar um ato pelas Diretas Já (SALOMÃO, 2010), continuava seu movimento de organização e união de pautas por meio da Pastoral Universitária (PU), dessa vez, com um *comitê de luta contra o desemprego*. A situação econômica e social brasileira dos anos 80 descontava na classe trabalhadora as consequências da condução desastrosa dos conspiradores de 64. A década perdida – no sentido econômico – culminou com a cidade ponta-grossense contabilizando taxas de favelização expoentes, imigrações decorrentes do êxodo rural e da chegada de contingente de trabalhadores desempregados advindo dos municípios vizinhos. Como resultado dos fracassos governistas em âmbito nacional, estadual e municipal, a cidade apresentou retração do PIB, queda do poder aquisitivo da classe trabalhadora, redução de moradias consideradas de alta classe – em 1983, cerca de 7,5% estavam inseridos nessa condição – e consequentemente aumento considerável de moradias pobres e miseráveis no decorrer dos anos 80 e 90 (CERVI, 2006). Ou seja, todo engajamento popular era necessário para estancar o empobrecimento da classe trabalhadora.

Dessa forma, o Partido dos Trabalhadores (PT) se propôs a capitanear boa parte das ações reivindicadoras locais. Na ausência de uma agremiação historicamente disposta a congregar forças populares na luta por transformações conjunturais, surgiu uma oportunidade para consolidação da militância petista. Porém, a tarefa, para ser exitosa, precisaria lidar, estrategicamente, com o xadrez político rotineiro de uma cidade ideologicamente vinculada à posicionamentos à direita. Uma das mais laboriosas ações dessa estratégia estava situada na capacidade do partido em formar uma classe trabalhadora disposta a compreender o contexto sociopolítico como um todo, sem os velhos clichês de outrora – como por exemplo, o discurso de que “político é tudo igual”.

O conceito que melhor define esse exercício de transformação do operariado em classe operária consciente de sua força de agência, caso mobilizada e engajada, é salientado por Mezzaroba:

A teoria orgânica visualiza o partido político numa perspectiva aberta, criativa e dinâmica. A organização partidária não é somente um simples instrumento eleitoral, mas um espaço político em condições de despertar no homem sua consciência histórica. Assim, a atuação partidária deve ultrapassar o contexto organizacional ou parlamentar para, fundamentalmente, se articular à sociedade. (MEZZAROBA, 1994, p. 134)

Portanto, a função do partido político orgânico deve ir além da sua finalidade última: a atuação parlamentar. A vitória eleitoral em um Estado liberal precisa ser resultado de uma classe votante capaz de compreender a importância do voto e o motivo pelo qual se vota. Essa condição somente pode ser concretizada caso o partido político forme seus filiados, seja pelo exercício contínuo de ações reivindicatórias, seja pela formação política continuada, ou ainda a somatória das duas. Caso seja capaz de fortalecer, pela sua ingerência na sociedade, a consciência histórica da classe trabalhadora, o partido político terá superado a definição weberiana clássica de agremiação partidária, na qual “seu objetivo é, hoje, sempre a obtenção de votos nas eleições para cargos políticos ou em corporações com voto” (WEBER, 1999, p. 544).

Na leitura da militância petista, os desdobramentos realizados para formar um alistamento eleitoral responsável por garantir o Partido dos Trabalhadores (PT) na disputa eleitoral de 1982 deviam ser testados nas urnas já naquele ano. Além de enfrentar a sublegenda, o voto vinculado e a Lei Falcão, as chapas petistas precisavam lidar com a aceitação local do programa de governo da sigla em cada regionalidade específica. Em Ponta Grossa, nada fácil seria concorrer com o lema “Trabalho, Terra e Liberdade”, estampar as cores vermelhas e a emblemática estrela ligada ao líder sindicalista do ABCD paulista, Lula. Mesmo assim, em agosto de 1982, a Convenção Municipal oficializava Péricles de Mello e José Alves dos Santos, ambos pelo PT, como candidatos a prefeito e vice, respectivamente¹¹.

Naquela eleição as duas chapas do PMDB somaram juntas cerca de 57,48% dos votos e a mais votada delas, encabeçada pelo controverso Otto Santos Cunha, foi vitoriosa (PARANÁ, 1982). Santos Cunha caberia muito bem em uma das três chapas lançadas pelo Partido Democrático Social (PDS) para a ocasião, pois assim como os candidatos da legenda que congregava os antigos arenistas, ele possuía perfil político de gestor distanciado dos anseios populares. Em último lugar, atrás inclusive das duas chapas do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), a chapa única do PT. Os 650 votos obtidos na eleição (PARANÁ, 1982), embora demonstrassem ao PT a necessidade de insuflar os movimentos sindicais e populares para apresentação consistente da cultura política

¹¹ O lema de campanha e a chapa oficializada para 1982 podem ser encontradas nos “santinhos” dos candidatos do partido. Encontram-se disponíveis no acervo (AMPPM) nas dependências do Museu Campos Gerais.

petista, não ofuscavam o objetivo a ser construído: formar um programa de governo alternativo.

A determinação da Comissão Executiva Regional (CER) do PT, em 1983, traçou planos cruciais para o impulsionamento da legenda no Paraná. Determinou reorganização na estrutura dos Diretórios municipais, o que proporcionou troca de lideranças, e, principalmente, a atuação nos movimentos populares e sindicais (SALOMÃO, 2010).

Dialogando com tal determinação, em agosto de 1983 emergia em Ponta Grossa o Centro de Defesa dos Direitos Humanos (CDDH). Grandes lideranças petistas locais estiveram na gênese idealizadora do Centro e, de certa maneira, contribuíram com seu funcionamento ao longo dos anos. As pautas sociais defendidas pelos membros do CDDH, permite-nos enquadrá-lo como grupo de pressão, pois é a partir dele que questões decisivas no combate à fome e à miséria são debatidas na cidade. O *Primeiro Fórum de Movimentos Populares*, realizado em 1984, é um exemplo da ação do CDDH¹².

O sindicato dos vigilantes, criado em junho de 1985 e o sindicato dos trabalhadores em fiação e tecelagem, instaurado em fevereiro de 1986, também responderam a determinação da Comissão Executiva Regional, pois são frutos da participação direta da militância petista. Já a tentativa de tomada da direção do sindicato dos trabalhadores da construção civil, poucos meses antes da eleição municipal de 1988, não logrou êxito. Embora derrotada, a chapa *Pá na massa* teve seus integrantes aderindo ao projeto petista, ou seja, filiaram-se ao PT¹³.

Para a eleição municipal de 1988, dessa vez, com as bases mais sólidas, o PT lançava Péricles de Mello como seu principal candidato a vereador. A expectativa em colocar ao menos um petista na Câmara de Vereadores tinha fundamento lógico. Além de perceber que o contexto clamava por mudanças no quadro político, a militância petista havia ministrado um curso instrucional para os candidatos a vereador durante o mês de julho de 1988¹⁴. Nesse curso, estratégias de campanha, administração política e maneiras de governar foram apresentadas aos participantes. Dos 23 candidatos do PT

¹² Informações encontradas no documento físico, disponível no acervo, chamado *História e Princípios: cartilha para filiados e simpatizantes*, levando o ano de 2000 como data de impressão. Trata-se de um livreto com datas especiais para a sigla petista em âmbito local, usado, em suma, para formação interna.

¹³ Ibidem.

¹⁴ Ibidem.

oficializados na disputa, constata-se uma heterogeneidade de perfil: bancários, comerciários, médicos, industriários, estudantes, professores, funcionários públicos, líderes sindicais, entre outros. Ou seja, a ampliação da base era notória¹⁵.

Para a disputa do executivo, Silvio Fernandes da Silva, o médico Sílvio Silva, era oficializado pelo Diretório. O ex-diretor do Hospital Infantil Getúlio Vargas e coordenador do curso de Especialização em Saúde Pública pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, tinha como companheiro de chapa o dentista Darcy Marochi – liderança católica (PARANÁ, 1988). A chapa puro sangue do PT apostou na composição de dois candidatos identificados com a questão da saúde pública, uma observação estratégica, haja vista que justamente nesse quesito as campanhas situacionistas patinavam eleição após eleição.

O desfecho do pleito de novembro de 1988 trouxe resultados interessantes para o partido, não só para o PT local, mas para o PT no geral. Ainda que em último lugar, os números mostravam crescente adesão à cultura política petista, pois a *chapa da saúde* obteve 8.033 votos (8,3%). A aliança entre Partido Democrata Cristão (PDC) e Partido Liberal (PL) levou o herdeiro de Santos Cunha, Pedro Wosgrau Filho (PDC), à prefeitura com 46.457 votos (46,7%), enquanto o emedebista Djalma de Almeida Cesar e o ex-prefeito Luiz Carlos Stanislawczuk, agora ligado ao PDT, ocuparam o segundo e terceiro lugar, respectivamente (PARANÁ, 1988).

Das 21 cadeiras possíveis na Câmara Municipal, a sétima ficou com o PT. A aposta enfim dava resultado parlamentar. O ex-candidato a prefeito, Péricles de Mello, levou 1405 votos e dessa forma deixava claro à sociedade ponta-grossense que os anos 90 teria um representante petista defendendo a cultura política da sigla entre os parlamentares (PARANÁ, 1988).

Assim, a última eleição municipal da década de 80 trazia resultados importantes para as pretensões do PT. Com um parlamentar na Câmara Municipal era mais fácil mobilizar as ações que respondessem demandas advindas dos grupos de pressão, pois agora, revestido de classe política, cabia ao Partido dos Trabalhadores (PT) fortalecer os interesses dos movimentos populares e sindicais desfavorecidos pela elite política. Como reportado por Salomão “o PT do Paraná deveria começar o ano de 1989,

¹⁵ Material de campanha produzido para as eleições municipais de 1988. Disponível em formato físico no acervo.

administrando duas prefeituras e construindo o mandato dos vereadores eleitos” (SALOMÃO, 2010, p. 142).

A CONQUISTA DO LEGISLATIVO

Ao assumir a prefeitura em 1989, Wosgrau Filho (PDC) apostou na continuidade dos trabalhos deixados pelo antecessor. Oriundo de família tradicional e empresário do ramo madeireiro, o prefeito trazia em seu governo mais do que simplesmente o discurso e a postura de dar sequência ao governo anterior, haja vista que seu vice era Paulo Cunha Nascimento, ex-Secretário Municipal de Finanças e primo de Otto Santos Cunha (CERVI, 2006).

Empenhado em responder o clamor popular na questão da saúde pública, Wosgrau Filho ampliou o número de postos de saúde pela cidade. Porém, a iniciativa que pretendia acalmar a sociedade trouxe ainda mais dificuldades para sua gestão e para as gestões vindouras, pois o ritmo de instalações de unidades básicas de saúde era desproporcional ao contingente de servidores disponíveis para atendimento das demandas (CERVI, 2004).

Como resultado natural em um sistema democrático representativo, o fortalecimento da oposição se fez sentir com o desgaste governista. Não só o PT se aproveitava desse desgaste situacionista, mas outras correntes ideológicas também manifestavam descontentamento com a gestão pedecista, o que gerava uma disputa entre as legendas pelo poder simbólico de representação popular, principalmente quando a classe trabalhadora organizada decidia, em polvorosa, enfrentar a elite política. Exemplo disso pode ser encontrado ainda em 1989, durante a greve dos trabalhadores da Viação Campos Gerais (VCG), empresa do ramo do transporte urbano local, quando lideranças do PT estiveram negociando diretamente com a prefeitura as exigências da classe em greve. Mais ainda, a constante presença do vereador petista em piquetes e bloqueios montados pela categoria durante o movimento paredista explicitava essa necessidade de conquistar o eleitorado e ao mesmo tempo fazer valer o compromisso partidário de defesa dos anseios populares acordados durante a campanha¹⁶.

¹⁶ Informações sobre o apoio petista à greve supracitada podem ser encontradas no *Relatório*, de autoria do vereador Péricles de Holleben Mello (1989). O Relatório não foi publicado, existindo apenas fisicamente no acervo consultado por esta pesquisa.

Foi assim também durante a greve dos professores universitários, ocorrida no mesmo ano de 1989. Embora a greve estivesse dirigida ao poder público estadual, o uso da Tribuna da Câmara Municipal de Ponta Grossa para discursar em apoio aos profissionais da educação solidificava o PT como porta-voz da oposição. Dessa forma, o tripé de atuação do vereador petista contemplava com louvor os tópicos elencados pelo Diretório Municipal: I) *atuação parlamentar*, ou seja, conquistar uma cadeira na Câmara dos vereadores; II) *organização dos movimentos populares*, isto é, fortalecer e/ou criar sindicatos e grupos de pressão em âmbito local e assim III) *fortalecer o partido* (MELLO, 1989).

O primeiro ano do mandato petista na Câmara ainda contribuiu com a fundação do Sindicato dos Servidores Municipais, em junho de 1989. Mas, talvez um dos grandes feitos sociais discutidos ainda em 1989 e realizado somente em 1993 tenha sido a criação da *Associação Geral dos Moradores em Terrenos Irregulares* (AGEMTI). Essa associação procurou resolver o problema da alta taxa de favelização que continuava crescente na cidade afetando, sobretudo, a classe mais pobre¹⁷.

O poder público “não-populista” (CERVI, 2006, p. 131), que estava amedrontado com a possibilidade de a sociedade civil organizada fazer frente ao governo distanciado das demandas do eleitorado, teve de lidar com uma invasão de atores sociais na Câmara Municipal em episódios específicos. O relatório do vereador petista, escrito por Péricles de Mello (1989, n.p.), com a finalidade de apresentar um balanço de seu primeiro mandato no legislativo, portanto, não publicado academicamente, traz o seguinte relato

[...] destacamos duas presenças importantes da população no decorrer deste primeiro semestre de mandato: a primeira na votação do projeto da Tribuna do Povo, em que estiveram presentes mais de 60 pessoas, entre lideranças sindicais e comunitárias; e, em segundo, quando da votação do projeto do Passe Livre, quando a câmara esteve lotada, por estudantes e populares que vieram manifestar seu apoio.

O relatório produzido em 1989 é importante fonte para que o historiador problematize uma prática até então desconhecida ou pouco usual na política da cidade: a presença frequente da população durante sessões na Câmara Municipal. Essa prática implementada teria capítulos à parte na mídia local, causando repercussões negativas

¹⁷ Informações encontradas no documento físico, disponível no acervo, chamado *História e Princípios: cartilha para filiados e simpatizantes*, levando o ano de 2000 como data de impressão. Trata-se de um livreto com datas especiais para a sigla petista em âmbito local, usado, em suma, para formação interna.

em textos de opinião produzidos por colunistas morigerados; além de potencializar a aprovação de projetos populares, como, por exemplo, o Passe Livre – ainda que os trâmites tenham perpassado anos até sua completa implementação.

Interessante fato a ser percebido é que a participação popular em sessões da Câmara, geralmente conduzidas pelas associações de moradores, atraiu para o mesmo ambiente um grupo ideologicamente oposto: os ruralistas. Especificamente a ala ruralista jovem, que entre outras coisas promoveu o chamado “Confronto extremado”, conforme reportou o Diário da Manhã, em 24 de março de 1989. Na ocasião, uma divergência política entre o petista Péricles de Mello e a vereadora liberal Sandra Mara Queiroz, militante da União Democrática Ruralista (UDR), mobilizou as bases políticas para uma sessão seguinte com casa cheia. Do início ao fim, a sessão foi marcada por gritos e xingamentos. Esse acontecimento foi campo de disputa durante semanas nos periódicos locais, pois os culpados e vitimados variavam conforme inclinação do colunista.

Outra conquista decisiva para a militância petista na cidade de Ponta Grossa foi a vitória da chapa *Balanço Geral*, em setembro de 1990, na eleição diretiva do sindicato dos empregados no comércio¹⁸. A década de 1990 marcava uma expansão do setor econômico terciário e dirigir um sindicato de categoria responsável por aglutinar profissionais abrangidos por ele era evidentemente um bom negócio.

Em meio à intensa movimentação para instalação de novos Diretórios Municipais por cidades espalhadas pelos Campos Gerais (Figueira, Arapoti, Piraí do Sul, Jaguariaíva e Castro), o Partido dos Trabalhadores ponta-grossense comemorava dez anos de nascimento. No ano festivo para o PT, eleições para a Câmara Federal, Câmara Estadual, Senado e Governo do Estado estavam agendadas. Na ocasião, o Diretório Municipal lançava Silvio Melo como candidato a deputado federal e o vereador em exercício Péricles de Mello para concorrer a uma cadeira na Assembleia Estadual do Paraná. Oferecer um nome para representar o Diretório Municipal ponta-grossense nas eleições proporcionais estaduais e federais era uma tradição do PT local: em 1982, a professora Zenilda Bruginski disputou uma vaga à Câmara Federal enquanto Aderbal Mello

¹⁸ Informações encontradas no documento físico, disponível no acervo, chamado *História e Princípios: cartilha para filiados e simpatizantes*, levando o ano de 2000 como data de impressão. Trata-se de um livreto com datas especiais para a sigla petista em âmbito local, usado, em suma, para formação interna.

concorreu a deputado estadual. Já em 1986, Valmir de Santi foi o nome da vez na disputa pela vaga no Congresso, enquanto Péricles de Mello concorreu à Assembleia Estadual. Em todas as ocasiões, os candidatos do Diretório local não obtiveram sucesso¹⁹.

Por outro lado, o Diretório da capital paranaense conseguiu emplacar o primeiro deputado estadual, Pedro Tonelli, ainda em 1986 (SALOMÃO, 2010). Já os primeiros petistas deputados federais somente foram eleitos em 1990. Na ocasião, o ex-deputado estadual Pedro Tonelli, Edésio Passos e Paulo Bernardo reiteravam seus nomes na trajetória do partido na terra das Araucárias (BRASIL, 1990). Outro feito importante para a sigla, na mesma eleição de 1990, foi a vitória de Eduardo Suplicy, primeiro senador petista, eleito por São Paulo (BRASIL, 1990).

A RECONQUISTA DO LEGISLATIVO E OS AVANÇOS DE 1992

Ao passo que o processo de expansão da cultura política petista ocorria na cidade, o PT planejava a campanha municipal de 1992. A chapa para disputar o executivo era decisiva e estratégica. Com a intenção de reconduzir Péricles de Mello, o principal expoente do partido, para um segundo mandato na Câmara Municipal, o Partido dos Trabalhadores depositou no nome de Roque Zimmermann, o padre Roque, a missão de encabeçar a chapa com Gilberto Ribas, o Giba²⁰.

O padre Roque Zimmermann M.S.F. era um típico peregrino. Nascido no interior do Rio Grande do Sul, estudou Teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG), em solo italiano. Membro da Congregação dos Missionários da Sagrada Família (M.S.F.), filiou-se ao PT em 1987, ano em que chegou a Ponta Grossa, depois de concluir o mestrado na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP). Dois anos depois, aprovado em concurso público, padre Roque ingressou como docente da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), no departamento de Educação e, logo na sequência, já figurava entre os membros do sindicato dos professores de ensino superior de Ponta Grossa (Sinpropar), explicitando seu gosto pela política (INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS, 2019).

¹⁹ Considerações feitas a partir do documento físico intitulado *O PT é outra História: histórico nacional e local*, assinado por Darcy Marochi, em março de 2000. A finalidade do documento era a de ser o folheto do Encontro de Formação do Partido dos Trabalhadores, ocorrido na mesma época.

²⁰ Informações obtidas por meio do material de campanha para as eleições municipais de 1992.

A chapa petista montada para 1992 levou para a Convenção Municipal do PT uma nova motivação para o pleito daquele ano. Realizada em um fim de semana de junho, a Convenção oficializou padre Roque e Giba como candidatos e, como exemplo de confiança na vitória eleitoral, estipularam planos de atuação para a administração pleiteada²¹.

Entre o mês eleitoral, dois importantes fatos ocorreram na cidade de Ponta Grossa. O primeiro aconteceu em julho de 1992, quando a chapa *Alternativa Bancária* chegou à direção do sindicato dos bancários, importante sindicato local. O segundo, em dezembro do mesmo ano, marcou o surgimento do movimento responsável pela defesa da habitação, a *Associação dos Mutuários de Ponta Grossa e Região*²².

A expectativa de troca no poder municipal local era aventada. Se, por um lado, a dificuldade de comunicação com o eleitorado culminava na diminuição de votos em candidatos do grupo tradicional, por outro, a oposição à esquerda não conseguia reunir todos os dissidentes em torno de seu programa de governo. Nem mesmo a oposição local moderada, representada pelo PMDB, conseguia tal feito, o que mais uma vez resultaria na continuidade do grupo conservador à frente da prefeitura (PARANÁ, 1992). Diferente do caso londrinense, onde o PT chegava ao poder municipal com o nome de Luiz Eduardo Cheida numa coligação com o PDT, em Ponta Grossa o desfecho eleitoral mostrou que seria necessário ir além, adotar novas estratégias, traçar novos rumos, negociar alianças.

Paulo Cunha Nascimento (PDC), vice-prefeito de Wosgrau Filho (PDC), com cerca de 45.503 votos foi eleito o prefeito de Ponta Grossa. O peemedebista Djalma de Almeida Cesar ficou novamente em segundo lugar, dessa vez com 36.209 votos. Já o PT, para surpresa de muitos, aparecia em terceiro lugar, com expressivos 21.097 votos, demonstrando uma evolução significativa no contingente eleitoral em comparação com quatro anos antes. O jornalista e proprietário do Diário da Manhã, Adail Inglês (PTB), conquistou 5.709 votos (PARANÁ, 1992).

Mas, ainda que a conquista do poder municipal fosse adiada, o mesmo não pode ser dito sobre a Câmara dos vereadores. Com 2.012 votos, Péricles de Mello foi reeleito

²¹ A formação da chapa e as discussões internas podem ser encontradas no acervo (AMPPM).

²² Informações encontradas no documento físico, disponível no acervo, chamado *História e Princípios: cartilha para filiados e simpatizantes*, levando o ano de 2000 como data de impressão. Trata-se de um livreto com datas especiais para a sigla petista em âmbito local, usado, em suma, para formação interna.

vereador, sendo o mais votado do pleito – isso demonstrava a força crescente do petismo nos redutos decisivos, sindicatos de categoria e movimentos populares (PARANÁ, 1992).

A primeira metade dos anos 90 demonstravam que múltiplos eventos e sentidos diversos seriam produzidos na cidade ponta-grossense. Em 1993, por exemplo, os desdobramentos da favelização crescente, do empobrecimento da classe trabalhadora e os fracassos administrativos impulsionaram a reorganização do movimento popular. A *Ação de Cidadania Contra a Fome e a Miséria* foi uma das respostas da sociedade (com fomento e apoio da militância petista) ao governo distante e burocrático. Da mesma maneira, a vitória da chapa petista na disputa pela direção da APP-Sindicato local mostrava que a educação deveria receber novos enfoques e que as reivindicações da categoria seriam mais fortes²³.

Foi ainda no segundo semestre de 1993 que os planos de criação da AGEMTI²⁴ saíram do papel. Depois que duas grandes ocupações de terrenos estamparam o noticiário municipal, a fundação da Associação deixava claro que não podia tardar. A primeira ocupação levou cerca de duas mil pessoas ao Núcleo Santa Bárbara, onde as pautas por moradia e dignidade das famílias deram a tônica do movimento. A segunda, a ocupação da região periférica de Ponta Grossa conhecida como Lajeado, na saída para o distrito de Itaiacoca, seguiu caminho semelhante, porém com leitura midiática diferenciada²⁵. O oportunismo dos grupos antipetistas não titubeou, e, logo que as ocupações passaram a gerar imbróglios judiciais, receberam uma cobertura especial por parte do jornalismo. O grupo do ex-candidato a prefeito Adail Inglês foi um desses, pois patrocinou uma série de manchetes ligando as invasões aos petistas, em especial ao seu adversário direto em 1992, padre Roque. É nesse contexto de tensão que um ator social em ascensão ganha uma vitrine necessária e decisiva para sua trajetória vindoura, o radialista gaúcho Jocelito Canto.

Recém-chegado na cidade, o radialista que trabalhava na Difusora apresentando um programa chamado Garagem da Esperança, usava de discurso simples e despojado, fazendo denúncias e cobranças à elite política para aos poucos cativar os moradores

²³ Ibidem.

²⁴ Associação dos Moradores em Terrenos Irregulares de Ponta Grossa.

²⁵ Informações a respeito das ocupações e invasões podem ser encontradas no material disponível no acervo (AMPPM).

(CERVI, 2004). Ainda em 1993, quando da invasão do Lajeado, Jocelito Canto ganhou as páginas do Diário da Manhã com a bombástica entrevista com Manoel de Oliveira, um dos participantes do ato e que estava supostamente disposto a entregar os mandantes da ocupação. Como não podia ser diferente, os tais mandantes, segundo a matéria produzida por Canto, eram “gente do PT” (FAVELADOS, 1993, p. 7), denúncia que gerou inúmeros pedidos de resposta e guerras de narrativas sobre o fato entre os grupos políticos da cidade. O radialista logo voltará para nossa discussão, porém, desta vez, não pela sua atividade profissional, mas sim pelo seu desempenho nas urnas.

Para fechar o ano de 1993, o Diretório Municipal petista passou por renovações nos quadros diretivos. Interessante destacar que, na visão de Péricles de Mello, o PT ponta-grossense não tinha a característica de dividir grupos em torno de correntes (tendências) internas²⁶, o que, para o líder petista, ajudou a não fracionar o partido na busca pelo objetivo geral da sigla: a conquista da prefeitura. Mesmo com esse relato, não necessariamente houve unificação de projetos no interior do Diretório Municipal sem antes uma ampla discussão e combinações entre as lideranças do partido (MELLO, 2020). Foi dessa forma que Ortencia Gorete da Rosa chegou à presidência do Diretório. Os seis cargos existentes na mesa diretora foram igualmente distribuídos entre o grupo do Péricles de Mello, o grupo do padre Roque Zimmermann e o grupo do Gilberto Ribas. Com a comissão formada, os trabalhos da nova gestão começaram ainda naquele ano (PARTIDO, 1993, n.p.).

O PRELÚDIO DA VITÓRIA

O meio da década de 90 se aproximava. O ano de 1994 era de extrema importância para o PT no quesito nacional, pois a campanha presidencial de Lula (PT) trazia esperanças à militância. Regionalmente, o partido acreditava que pudesse manter o número de cadeiras conquistadas na Assembleia Legislativa; por outro lado, fazer frente a Jaime Lerner (PDT) e Alvaro Dias (PP) na busca pelo Palácio do Iguaçu parecia tarefa mais distante de ser realizada. Para o Senado, situação muito parecida (BRASIL, 1994).

²⁶ É muito comum a militância petista enquadrar-se em tendências internas. Por exemplo, a Democracia Socialista (DS), Articulação - Unidade na Luta (AUNL), O Trabalho (OT), compõem os quadros do partido.

O Diretório petista em Ponta Grossa apostou em dois nomes, como de costume, para disputar uma vaga na Assembleia Estadual e uma na Câmara Federal. Ao vereador Péricles coube a responsabilidade da primeira e ao ex-candidato a prefeito padre Roque Zimmermann a segunda (BRASIL, 1994). Um mês antes da disputa eleitoral, eis que a chapa ligada ao PT conquista a direção do sindicato dos metalúrgicos, importante e emblemática categoria para o partido²⁷. A inserção petista nos sindicatos e movimentos sociais, como demonstrado até aqui, explicita a aceitação e entendimento por parte de parcela da sociedade local do programa de governo do PT. Ainda que aos poucos, a cultura petista ganhava atenção dos moradores. Mezzaroba (1994) salienta a proximidade entre o partido político e a sociedade em que se insere como sendo uma relação dialógica. Ou seja, a própria condução formadora de consciência do partido orgânico precisa ser feita a partir de uma realidade posta, não sendo, portanto, uma idealização teórica, mas sim uma teoria que se constitui com a prática

O partido político encarna, em si mesmo, a necessidade de uma mediação orgânica entre o político e o social o que exige a presença de um elemento de reelaboração teórica para corresponder aos anseios da sociedade e de um elemento de atuação sócio-política já que a organização partidária não pode ficar distanciada do seu contexto social (MEZZAROBA, 1994, p. 142).

A campanha de Lula (PT) não conquistou a maioria e Fernando Henrique Cardoso (PSDB) venceu em praticamente todos os estados, exceto no Rio Grande do Sul (BRASIL, 1994). Nesse sentido, quiçá o raciocínio de Mazzaroba (1994) seja pertinente para o supracitado desfecho. De fato, a “organização partidária não pode ficar distanciada do seu contexto social” (MAZZAROBA, 1994, p. 142), ou seja, as condições para chegar à presidência do Brasil demandavam mais negociações por parte da esquerda, isto é, não bastava apenas o discurso forte e inflamado da oposição, mas sim era necessária uma leitura tipicamente política do contexto, era necessário fazer política.

O saldo petista no Paraná nas eleições de 1994 foi positivo. Três deputados federais: Paulo Bernardo, Nedson Micheleti e padre Roque Zimmermann; e cinco deputados estaduais: Emerson José Nerone, Irineu Mário Colombo, Florisvaldo Fier,

²⁷ Informações encontradas no documento físico, disponível no acervo, chamado *História e Princípios: cartilha para filiados e simpatizantes*, levando o ano de 2000 como data de impressão. Trata-se de um livreto com datas especiais para a sigla petista em âmbito local, usado, em suma, para formação interna.

Péricles de Mello e Ângelo Carlos Vanhoni constavam na lista dos vitoriosos (BRASIL, 1994).

Ponta Grossa, de modo especial, emplacou figuras decisivas no mesmo pleito. Além do petista Péricles de Mello (PT), o radialista e agora político Jocelito Canto (PSC) dividia o espaço da Assembleia paranaense com outro político tradicional da cidade: Plauto Miró Guimarães Filho (PFL). Politicamente opostos, os três estariam frente a frente na disputa pela prefeitura de Ponta Grossa dois anos depois (BRASIL, 1994).

A anuência ao petismo local dava sinais de êxito, pois com padre Roque deputado federal e Péricles de Mello deputado estadual, o cenário de mudança na política local animava a oposição. Com a CUT – Regional Campos Gerais sendo criada em 1995, as bases petistas, muito identificadas com o novo sindicalismo brasileiro²⁸, passavam a contar com outro importante braço eleitoral. No mesmo ano, a chapa ligada ao PT vencia as eleições no sindicato dos madeireiros²⁹.

Novamente se aproximava o período eleitoral e, nas palavras de Rémond (2003), o “revelador da opinião” (RÉMOND, 2003, p. 40), mostraria aos políticos e partidos o grau de satisfação da população. Para disputar a prefeitura de Ponta Grossa, no ano de 1996, quatro nomes: Jocelito Canto, agora filiado ao PSDB³⁰, Péricles de Mello (PT), Plauto Miró Filho (PFL) e José Penckowski (PSC). Os três primeiros com experiência política trazida de mandatos em andamento como deputado, já Penckowski (PSC) um candidato *outsider*. Enquanto as campanhas iniciavam, uma situação era certa: não seria nada fácil para o candidato situacionista vencer o pleito. Rodrigues (2006, p. 32) sintetiza com maestria o contexto da época, indicando que desvincular-se do atual prefeito Paulo Cunha Nascimento (PDC) era a melhor alternativa “pouco carisma e uma imagem desgastada. O mandato de Paulo Cunha terminava nesse contexto. Insatisfeitos com essa situação, cidadãos ponta-grossenses foram buscar nas urnas uma possibilidade de mudança”.

Seguindo o pensamento da autora, a mudança só podia ser encontrada em três dos quatro prefeituráveis. O radialista tucano era uma opção, o petista Péricles a outra,

²⁸ Para mais informações vide: MATTOS, 2003.

²⁹ Informações encontradas no documento físico, disponível no acervo, chamado *História e Princípios: cartilha para filiados e simpatizantes*, levando o ano de 2000 como data de impressão. Trata-se de um livreto com datas especiais para a sigla petista em âmbito local, usado, em suma, para formação interna.

³⁰ A filiação do radialista rachou o Diretório do PSDB. Para mais informações, vide: CERVI, 2004.

enquanto Penckowski corria às margens o tempo todo. Portanto, Plauto Miró (PFL) tinha a tarefa de mudar, em poucos meses, a imagem manchada das gestões passadas, para somente assim conquistar um quarto mandato seguido do grupo tradicional. Sem sucesso, coube ao pefelista a terceira colocação, com 31.088 (24,04 %). O último colocado, José Penckowski (PSC) fez 2.528 (1,95%) (PARANÁ, 1996).

Dessa forma, a mudança em Ponta Grossa veio à moda da casa. Ainda que coligado com o Partido Socialista Brasileiro (PSB), Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e Partido Verde (PV); os petistas Péricles de Mello e Valdir Slompo de Lara (ex-PMDB) enfrentaram ataques de ambos os lados – Canto e Miró – fato que atrasou por quatro anos a chegada do Partido dos Trabalhadores ao poder local³¹. Desde narrativas falaciosas sobre caos econômico e atraso social em caso de vitória petista, até ataques pessoais a Mello foram usados na tentativa de impedir o crescimento vertiginoso da campanha do PT³².

Não distante do que ocorria em outras regiões, o PT em Ponta Grossa passava a ser atacado com mais ímpeto quando mostrava potencial vitorioso. Foi assim no início da década, após padre Roque conquistar a terceira colocação; não diferente seria em 1996, quando a vitória parecia ser possível. Porém, com a apuração finalizada, a diferença de aproximados 10% sagrou o radialista Canto (PSDB) prefeito de Ponta Grossa. Seus 54.363 votos mostravam que parte expressiva da população canalizou a rejeição ao grupo conservador representado por Plauto Miró (PFL) na figura carismática e populista do radialista (PARANÁ, 1996). A troca da elite política local ecoou o termo explicado por Cervi (2006), sendo as eleições de 1996 um exemplo de “eleições de realinhamento crítico” (CERVI, 2006, p. 128), ou seja, quando o descontamento do eleitorado ultrapassa o limite do tolerável, a solução é a substituição do grupo e não apenas do nome em exercício do mando.

Em segundo lugar, com 41.311 (31,95%), a campanha do PT creditou os números à compreensão popular das propostas do partido, além da organização do movimento

³¹ Informações sobre a coligação PT, PSB, PCdoB e PV foram extraídas do material de campanha e plano de governo da chapa. O material está disponível no acervo documental nas dependências do Museu Campos Gerais.

³² Esta pesquisa encontrou folhas contendo calúnias contra o candidato petista e sua eventual gestão. O material compõe o acervo disponível no Museu Campos Gerais.

sindical forte e atuante (PARANÁ, 1996). Atribuindo a derrota aos ataques sofridos, Péricles de Mello enxergou com bons olhos o desfecho daquele ano.

Mas no final eles me atacaram muito, nós estávamos ganhando; o Plauto tava caindo, eu tava avançando, daí o Plauto cresceu, me atacaram muito e eu acabei ficando intermediário, perdi a eleição. Mas foi um grande acontecimento político na cidade. Porque foi uma linguagem diferente pra cidade. Como é que pode uma cidade conservadora que nem Ponta Grossa quase te eleger? (MELLO, 2020)

Além de segundo colocado na disputa à prefeitura, o PT conquistava três cadeiras na Câmara dos Vereadores. Ortencia Gorete Rosa, Gerveson Tramontin e Selma Schons passavam a figurar entre os vinte e um nomes responsáveis pela legislatura (PARANÁ, 1996).

O balanço da década de 90 apresentava um PT que tinha aprendido a discutir a realidade social a partir de fatores existentes. A forma de fazer política do partido precisava chegar em redutos eleitorais amedrontados com as propostas da sigla, seja os setores do empresariado médio e pequeno, seja os populares resistentes ao socialismo. Quando o partido permitiu-se realizar coligações estratégicas e necessárias com o objetivo de chegar ao poder (ainda que causando revolta por parte de alguns), os resultados eleitorais apontaram números interessantes.

A aliança feita com partidos de esquerda em 1996 resultou em expressiva votação e três cadeiras no legislativo local, além de formar o Instituto Cidade Viva, importante centro de ações sociais e culturais com legado existente até os dias de hoje na cidade. O Instituto reuniu durante os anos subsequentes importantes partidos e políticos engajados com programas progressistas e, de certa forma, serviu de inspiração para o nome da coligação montada para as eleições de 2000³³.

Dois anos antes do pleito municipal de 2000, padre Roque Zimmermann foi reeleito deputado federal, mostrando uma aceitação do mandato do PT na Casa legislativa; Péricles de Mello seguia o mesmo exemplo e foi reconduzido ao cargo de deputado estadual, cargo o qual cumpriria apenas por dois anos (BRASIL, 1998).

³³ Informações encontradas no documento físico, disponível no acervo, chamado *História e Princípios: cartilha para filiados e simpatizantes*, levando o ano de 2000 como data de impressão. Trata-se de um livreto com datas especiais para a sigla petista em âmbito local, usado, em suma, para formação interna.

O BALANÇO DE DUAS DÉCADAS

A última eleição do século XX precisa ser analisada a partir de pressupostos e escalas diferentes, haja vista o cenário complexo que formava e tensionava o município, outras regiões do Estado e o próprio Brasil. Na escala nacional, Fernando Henrique Cardoso (PSDB) havia sido reeleito presidente em 1998, Lula (PT) perdera outra vez. O país enfrentava uma política neoliberal e os reflexos da queda do paliativo Plano Real (1994) mostravam que a condução econômica de livre mercado não havia resolvido com propriedade o problema que afetava a classe trabalhadora (NASCIMENTO, 2003). Os percalços que marcaram o segundo governo FHC trouxeram dificuldade para emplacar seu sucessor legítimo ao Palácio do Planalto, por isso, o PSDB sentiu fortemente a derrota nas urnas em 2002, quando, enfim, o sindicalista Lula chegou à presidência após as campanhas de 1989, 1994 e 1998 (BRASIL, 2002).

No Paraná, Jaime Lerner (PFL) estava em seu segundo mandato, para o qual trazia seus conflitos com o Movimento Sem Terra (MST). O descontamento com os rumos da economia somado aos escândalos de corrupção que estouraram em regiões estratégicas do Paraná, onde o chefe do executivo em exercício representava o grupo situacionista, desgastou a imagem dos partidos governistas (ANDRADE, 2005). PFL e PSDB sentiram os efeitos do desgaste antes ainda do período de campanha agendando para o segundo semestre de 2000.

É nesse sentido que Londrina, Maringá e Ponta Grossa presenciaram o surgimento de movimentos da sociedade civil organizada dispostos a cobrar e pressionar duramente prefeitos em exercício com relação às denúncias e casos investigados de corrupção e desvio de verbas públicas. No caso londrinense, a organização intitulou-se *Movimento Pés vermelhos, mãos limpas*³⁴ e a pressão resultou na cassação do prefeito pefelista Antônio Belinati; por outro lado, em Maringá a denúncia de desvio de dinheiro público pesava sobre o Secretário da Fazenda Luiz Antônio Paolicchi, integrante do governo do tucano Jairo Gianoto – também envolvido em corrupção (ANDRADE, 2005). As urnas responderiam aos escândalos de forma enfática naquele ano.

³⁴A Associação Comercial e Industrial de Londrina (ACIL) esteve diretamente ligada ao Movimento.

O caso dos Campos Gerais seguiu a cartilha dos demais centros regionais. Em Ponta Grossa, o mês de maio mal havia começado quando o programa Fantástico, da rede Globo, apresentou matéria em cadeia nacional reportando uso indevido de dinheiro público e fraudes licitatórias³⁵, acusações que impactavam diretamente a gestão do tucano Jocelito Canto. A situação que ficou conhecida como *Caso Spósito*, em referência ao nome do empresário responsável pela denúncia, recebeu endosso por parte da sociedade civil ponta-grossense no mesmo mês de maio (HIRANO, 2000, n.p.).

No dia 23 do corrente, surgia do interior do Colégio Sant’Ana o Movimento Ética e Cidadania (MECI), em moldes análogos ao *Pés vermelhos, mãos limpas* de Londrina, porém, no caso ponta-grossense, com uma característica impressionante: a heterogeneidade. Rodrigues traz uma interpretação esclarecedora dessa característica que permeia o Movimento ao anexar em sua pesquisa uma ata (a de fundação) do encontro assinada pelos participantes. Dessa forma, completa a autora

[...] na coordenação geral do Movimento está o bispo da Diocese católica, D. João Braz de Aviz, e como vice-coordenador, Douglas Taques Fonseca (na época, presidente da ACIPG (Associação Comercial e Industrial dos Campos Gerais), um nome forte dentro da Sociedade Rural dos Campos Gerais). Outros nomes expressivos do Movimento eram o de Cenir Frare Cunha (esposa do ex-prefeito Otto Cunha) e Roberto Mistrorigo Barbosa (do Partido dos Trabalhadores). (RODRIGUES, 2006, p. 34)

Portanto, desde figuras ligadas ao catolicismo, como é o caso de Dom João Braz de Aviz, Bispo diocesano de Ponta Grossa entre 1998 e 2002, até o pastor Presbiteriano Acir Rickli, sem contar os empresários filiados à Associação Comercial e Industrial de Ponta Grossa (ACIPG) e membros do Instituto Cidade Viva – petistas e políticos progressistas – todos estavam uníssonos.

O MECI é compreendido por esta pesquisa como um dos percalços responsáveis pela não reeleição de Jocelito Canto (PSDB), pois tendo grande cobertura midiática e certa adesão por parte da sociedade civil, o Movimento serviu como crítico e alarmista das ações do prefeito. O período de “propaganda eleitoral às avessas” (HIRANO, 2000, n.p) impactou a decisão do eleitor em outubro de 2000, quando seis candidatos concorriam ao Palácio do Ronda.

³⁵ Reportagem do dia 7 de maio de 2000, programa dominical da Rede Globo chamado Fantástico.

O último pleito sem segundo turno em Ponta Grossa contou com seis prefeituráveis: Péricles de Mello (PT), Jocelito Canto (PSDB), Carlos Roberto Tavarnaro (PTB), José Penckowski (PSC), Wagner Luiz Menezes Lino (PPS) e Rogério Iraze Marcondes Carneiro (PRN), todos disputando um eleitorado de cerca de 182.439 (PARANÁ, 2000).

Trazendo os desdobramentos do contexto supracitado, dois principais acontecimentos locais decidiram a eleição em favor do PT. O primeiro deve-se ao reflexo direto causado pelas ações do MECI, pois a direita tradicional da cidade, acostumada a unificar o voto em favor de programas morigerados, sucumbiu ao não encontrar um nome forte e com perfil político clássico. Na ausência de Wosgrau Filho e Plauto Miró, nomes naturalmente identificados com o grupo tradicional, a aposta no empresário do ramo imobiliário, Carlos Tavarnaro (PTB), não agradou a totalidade dos eleitores à direita. Nesse sentido, considerando-se as campanhas com maior fôlego eleitoral, caberia a esse setor da elite local depositar seu voto no manchado Jocelito Canto (PSDB), candidato duramente atacado pelo próprio grupo tradicional através do MECI, ou optar pelo petista Péricles de Mello (PT)³⁶. As consequências que surgiram tanto das denúncias feitas em maio quanto dos boatos sobre conduta populista e afrontosa à moralidade, abalavam as chances de reeleição do prefeito (ANDRADE, 2005). Dessa forma, o primeiro elo estava montado, pois eleitorado dividido costuma favorecer a oposição. Caminhava-se, portanto, para um novo processo eleitoral de realinhamento crítico. Tudo indicava que haveria troca na elite política local.

O segundo elo fechou-se quando as coligações partidárias foram oficializadas. Em torno da campanha de Tavarnaro (PTB), que tinha professora Elizabeth Silveira como vice, reuniram-se PFL, PSDC, PMN e PSL. Excetuando-se o PFL, os demais partidos tinham pequena ou quase nula expressividade para decidir um pleito eleitoral. Percebendo a necessidade de buscar sustentação para conquistar a reeleição, Canto (PSDB) trouxe outras nove siglas para somar-se ao seu partido na disputa: PPB, PL, PRTB, PST, PTN, PSD, PV, PRP e o PCdoB – este que sempre foi parceiro histórico do PT na cidade e no Brasil. Wagner Lino (PPS) coligou-se com o PSB, enquanto Rogério Carneiro (PRN) e José Penckowski (PSC) não fizeram coligações (PARANÁ, 2000).

³⁶ Considerações baseadas na confrontação das fontes documentais disponíveis no acervo e a entrevista de Péricles de Mello concedida ao autor.

O número de siglas ao redor de Canto (PSDB), embora significativo, não tinha a mesma capacidade de mobilização de forças como a coligação Movimento Cidade Viva. Nesta, o PT trazia como vice de Péricles de Mello o vereador peemedebista Ricardo Mussi, além de contar com o apoio do ex-prefeito pedetista Luiz Carlos Stanislawczuk. Ou seja, PT, PMDB, PDT e PHS formavam uma coligação pequena em número de siglas, mas grande em capacidade de atração de voto (PARANÁ, 2000).

O maior partido em número de filiados no Brasil e em Ponta Grossa – PMDB – tinha três cadeiras na Câmara Municipal conquistadas no pleito de 1996, mesmo número do PDT e PT. Portanto, a coligação mostrava força significativa para construir diálogos entre os vereadores na busca por parcerias políticas (PARANÁ, 1996). Com o segundo elo fechado, uma observação sobre o grau de mobilização dos movimentos populares e sindicais mostraria o potencial do PT para aquele ano nas urnas.

Envolvido em pelo menos dez sindicatos de categoria até 2000 e insuflando cerca de sete movimentos populares na cidade no mesmo período³⁷, o PT tinha no dia da eleição trabalho voluntário com fiscais de zona eleitoral espalhados pelas três regiões eleitorais de Ponta Grossa. Os professores, os estudantes e os funcionários da Universidade Estadual de Ponta Grossa mostravam confiança e engajamento na vitória petista e isso repercutia positivamente no interior da campanha. Péricles de Mello destaca essa confiança:

E nós já fomos pra campanha muito animado, nós estávamos crescendo, o pico do nosso crescimento, vereadores na Câmara, trabalho do Gerveson, trabalho do padre Roque, saiu todo mundo junto né? E no movimento sindical tava forte, nós tínhamos ganhado sindicato, criado outros sindicatos, movimento comunitário tava tudo muito forte e, principalmente a Universidade (MELLO, 2020).

No mesmo tom de esperança, o petista relembra o elo número um – a fragmentação da elite local que contribuiu com sua vitória naquele ano, destacando a fragilidade de Tavarnaro (PTB).

Contra o Jocelito, uma parte da população que votava no Plauto historicamente, mas que tinham perdido já a eleição com o Plauto e dessa vez como tinha um candidato muito fraco, alguma parte deles me apoiou. Alguns abertamente, como a dona Cenir e outros assim... O próprio Plauto acho que

³⁷ Informações encontradas no documento físico, disponível no acervo, chamado *História e Princípios: cartilha para filiados e simpatizantes*, levando o ano de 2000 como data de impressão. Trata-se de um livreto com datas especiais para a sigla petista em âmbito local, usado, em suma, para formação interna.

por baixo do pano acabou trazendo alguns votos. E outra parte da direita apoiou o Jocelito. Agora, uma direita tradicional assim, uma parte me apoiou, no segundo dia tavam contra mim já, depois que eu ganhei a eleição. (MELLO, 2020)

Contrariando o desejo do colunista e ex-candidato a prefeito Adail Inglês (PUZIO, 2012), o PT venceu a eleição de outubro de 2000. Os históricos 72.583 votos (49,72%) feitos pela coligação Movimento Cidade Viva comprovaram a situação que se aventava anteriormente, o realinhamento crítico eleitoral. O tucano Jocelito Canto (PSDB) obteve 60.459 (41,42%), em termos de capital político uma estagnação eleitoral, pois fizera cerca de 54 mil votos quatro anos antes. Já o PT saltava dos aproximados 41 mil para significativos 72 mil no mesmo intervalo de tempo. Os demais concorrentes terminaram o pleito da seguinte maneira: Tavarnaro (PTB) com 6.764, Wagner Lino (PPS) 3.023, José Penckowski (PSC) 2.857 e Rogério Marcondes (PRN) 279 (PARANÁ, 2000).

Na eleição proporcional, o PT levou quatro cadeiras: Gerveson Tramontin, Pascoal Adura, Selma Schons e José Luiz Teixeira. PMDB e PDT fizeram um candidato cada (PARANÁ, 2000).

Assim como no caso ponta-grossense, as cidades de Londrina e Maringá levaram um petista para o executivo municipal em 2000 (PARANÁ, 2000). O que, de certo modo, nos leva a considerar esses êxitos do Partido dos Trabalhadores como algo ligado a conexões em escalas nacionais, estaduais e regionais – os ventos de mudança na elite política sopravam forte no Brasil naquele ano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar uma análise historiográfica da trajetória inicial do Partido dos Trabalhadores em Ponta Grossa, esta pesquisa se propôs a dialogar não somente com pesquisadores do campo da História Política Renovada, Ciência Política, História Local e História Pública, mas sim aproximar-se dos interessados pela temática de modo indiscriminado. Fica evidente que as laudas aqui escritas não dão conta por completo de todas as tramas causadas pelo fenômeno político local observado. Porém, acredita-se que os temas trazidos à baila neste escrito possam, de alguma maneira, fomentar novos recortes e novas perspectivas de abordagem a respeito de um assunto tão importante e significativo para a sociedade.

As conexões envolvendo atores sociais de seu tempo, agindo e tensionando as décadas de 80 e 90 do século passado, não podem ser obliterados ou deixados às margens da historiografia local. O trajeto percorrido por todos os envolvidos com a construção, desenvolvimento e solidificação da legenda, bem como suas estratégias de atuação, leituras e releituras da realidade merecem produções de nível histórico.

No quesito teórico, este trabalho procurou fazer eco aos escritos da História Política Renovada, campo impulsionado pelo historiador francês René Rémond (1918-2007) em meados dos anos 80 do século passado. Mesclar a inserção do partido político na esfera eleitoral e ao mesmo tempo colocá-lo como agente potencializador de transformações ao vinculá-lo aos sindicatos e movimentos populares organizados, permite que o referencial teórico remondiano solidifique a abordagem. Especificamente, o período eleitoral, muito presente ao longo deste texto, tem no campo da História Política Renovada um espaço conceituado para exploração; assim como o uso da mídia impressa, as narrativas e os próprios partidos políticos.

O contato com as fontes históricas³⁸ para a produção desta pesquisa trouxe uma série de interesses e provocações para futuras explorações. Movimentos e ações populares emergentes em Ponta Grossa durante as duas décadas analisadas, como o Centro de Defesa dos Direitos Humanos (CDDH), Associação dos Moradores em Terrenos Irregulares (AGEMTI), Instituto Cidade Viva, bem como cada sindicato de categoria merecem trabalhos à luz da historiografia. Pois, cada qual ao seu modo, contribuiu com a organização e distribuição da população durante o período de vigência, isso quando não deixou legados até hoje presentes na sociedade local. Toda essa conexão e mobilização da população em torno de um partido político criado a partir das bases provocou no período histórico investigado um tremendo efeito, ora positivo, ora negativo. Talvez um levantamento do mandato petista e, subsequentemente, um olhar sobre o pós-governo petista em Ponta Grossa possa trazer novas conclusões sobre a cultura política municipal.

³⁸ Material de campanha, relatórios internos, balanços de mandatos, planos de governo, prestação de contas aos filiados e simpatizantes, folhetos, livretos de formação política, entre outros. Todo o material encontra-se no Acervo de Memória Política Péricles de Mello (AMPPM), nas dependências do Museu Campos Gerais.

REFERÊNCIAS

- ACERVO de Memória Política Péricles de Mello. *Museu Campos Gerais*. Ponta Grossa, 2019.
- AMARAL, Oswaldo E. do. *A Estrêla não é mais vermelha. As mudanças no programa petista nos anos 90*, São Paulo, Editora Garçonni, 2003, 202 p.
- ANDRADE, Claudio César de. *Estratégias políticas de instâncias locais: emergência, estruturação e ações efetivas do Movimento de Ética e Cidadania de Ponta Grossa – PR*. Assis: UNESP. 2005.
- BRASIL. *Tribunal Superior Eleitoral*. Consulta de resultados eleitorais, 2000. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-2000/quadro-partido-cargo>>. Acesso em: 22 set. 2021.
- BRASIL. *Câmara dos Deputados*. Quem são os deputados, 1990. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/deputados/quem-sao/resultado?search=&partido=PT&uf=PR&legislatura=49&sexo=.>> Acesso em 22 set. 2021.
- BRASIL. *Senado Federal*. Senadores da 49ª Legislatura (1991 – 1995), 1990. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/senadores/legislaturas-anteriores/-/a/49/por-uf>>. Acesso em 24 set. 2021.
- BRASIL. *Tribunal Superior Eleitoral*. Resultado das eleições 1994 – Paraná, out. 1994. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-1994/resultados-das-eleicoes-1994/parana>>. Acesso em 22 set. 2021.
- BRASIL. *Tribunal Superior Eleitoral*. Resultado das eleições de 1994, out. 1994. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-1994/resultados-das-eleicoes-1994>>. Acesso em 22 set. 2021.
- BRASIL. *Tribunal Superior Eleitoral*. Resultado da eleição de 1998, out. 1998. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-1998/candidaturas-votacao-e-resultados/resultado-da-eleicao-de-1998>>. Acesso em 26 set. 2021.
- BRASIL. *Tribunal Superior Eleitoral*. Resultado da eleição de 2002, out. 2002. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-2002/candidaturas-votacao-e-resultados/resultado-da-eleicao-2002>>. Acesso em 26 set. 2021.
- CERVI, Emerson. Ondas radiofônicas na disputa política ponta-grossense em 1996: estratégias de adesão populista. In GADINI, Sérgio Luiz. (Org.). *Eleições midiáticas: retratos da disputa política municipal em Ponta Grossa*. 01. ed. Ponta Grossa, 2004, v. 01, p. 79-116.
- _____. Opção pelo populismo: dissidência política e renovação eleitoral no município de Ponta Grossa. In: CODATO, Adriano; SANTOS, Fernando José dos (orgs.). 2006. *Partidos e eleições no Paraná: uma abordagem histórica*. Curitiba: Tribunal Regional Eleitoral do Paraná.

- CHAMMA, Guisela V. Frey. *Ponta Grossa: o povo, a cidade e o Poder*. Ponta Grossa: [S N], 1988.
- DIAS, R. B..A trajetória do PT em Maringá(PR): da fundação à conquista da prefeitura. *Perseu: História, Memória e Política*, v. 7, p. 227-256, 2011.
- DITZEL, Carmencita de Holleben Mello. Verde que te quero verde: O integralismo no Campos Gerais. *Revista do Programa de Pós-Graduação Em História*, Florianópolis, v. 8, p. 33-50, 2000.
- _____(Org.). *VISÕES de Ponta Grossa: cidade e instituições*. Ponta Grossa: UEPG, 2004. 220 p.
- FAVELADOS do Lajeadoinho contam que foram levados para lá por gente do PT. *Diário da Manhã*, Ponta Grossa, 19 set. 1993, p. 7.
- HILÁRIO, Janaina Carla Vargas. A experiência do Partido dos Trabalhadores em Londrina a partir da cultura política. *Revista de História Regional*, 15 (I), Ponta Grossa, Verão, 2010, pp. 258-302.
- HIRANO, Mário. Observatório. *Jornal da Manhã*, Ponta Grossa, 9 mai. 2000.
- INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. *In memoriam*. Roque Zimmermann, padre, ex-deputado federal. 19 fev. 2019. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/586754-em-memoria-do-padre-roque-zimmermann>>. Acesso em 29 set. 2021.
- KECK, Margaret. *PT - A Lógica da Diferença: o Partido dos Trabalhadores na construção da democracia brasileira*. São Paulo, Ática. 1991.
- LACERDA, A. C. de. Economia. In: Jaime Pinsky. (Org.). *O Brasil no contexto 1987- 2007*. 1ed.São Paulo: Contexto, 2007, v. 1, p. 17-30.
- LÖWEN, Cicilian. Estrutura interna e dinâmica social na cidade de Ponta Grossa. In: DITZEL e LÖWEN (Orgs). *Espaço e Cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais*. Ponta Grossa. Editora UEPG, 2001.
- MATTOS, Marcelo Badaró. *O Sindicalismo brasileiro após 1930*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- MELLO, Péricles Holleben de. A trajetória do PT em Ponta Grossa (1980-2000). [Entrevista concedida a] AUTOR. *Google Meet*. Ponta Grossa, 29 out. 2020.
- _____. *Relatório*. Ponta Grossa, jul. 1989.
- MEZZAROBA, Orides. O partido político: concepção tradicional e orgânica. *Revista de Informação Legislativa*, Brasília, v. 122, p. 133-143, 1994.
- MILLÉO, José Carlos. Poder Local em Ponta Grossa: algumas considerações sobre sua evolução. In: DITZEL e LÖWEN (Orgs). *Espaço e Cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais*. Ponta Grossa. Editora UEPG, 2001, v. . p. 53-64.
- NASCIMENTO, Luiz Miguel do, *Olhar cotidiano sobre a política: a eleição presidencial de 1989 e a eleição municipal de 2000 em Maringá*. Tese (Doutorado em História).

São Paulo: PUC-SP, 2003, p. 263

NORONHA, Eduardo G. and OLIVEIRA, Carlindo Rodrigues de. (Orgs.). – *Greves no Brasil (de 1968 aos dias atuais): depoimentos de liderança*. São Paulo: Cortez, 2015. – (Coleção por que cruzamos os braços; vol.1).

PARANÁ. *Tribunal Regional Eleitoral*. Resultado de eleições municipais TRE-PR. Disponível em: <<https://www.tre-pr.jus.br/eleicoes/resultados/resultados-de-eleicoes-municipais-tre-pr>> Acesso em: 13 set. 2021.

PARANÁ. *Tribunal Regional Eleitoral*. Mapa nº 216, Município de Ponta Grossa – 14ª – 15ª e 138ª ZONA, Quadro estatístico, 1982. Disponível em: <<https://apps.tre-pr.jus.br/files/resultados/19821115A77771.pdf>>. Acesso em 13 set. 2021.

PARANÁ. *Tribunal Regional Eleitoral*. Eleições municipais de 1988 – Quadro estatístico, 1988. Disponível em: <<https://apps.tre-pr.jus.br/files/resultados/19881115A77771.pdf>>. Acesso em 13 set. 2021.

PARANÁ. *Tribunal Regional Eleitoral*. Justiça Eleitoral – Eleições municipais de 03 de outubro de 1992. Disponível em: <<https://apps.tre-pr.jus.br/files/resultados/19921003A77771.pdf>>. Acesso em 22 set. 2021.

PARANÁ. *Tribunal Regional Eleitoral*. Justiça Eleitoral – Eleições municipais de 1996. Disponível em: <<https://apps.tre-pr.jus.br/files/resultados/19961003A77771.pdf>>. Acesso em 24 set. 2021.

PARANÁ. *Tribunal Regional Eleitoral*. Justiça Eleitoral – Eleições municipais de 2000. Disponível em: <<https://apps.tre-pr.jus.br/files/resultados/20001001A77771.pdf>>. Acesso em 25 set. 2021.

PARTIDO chega ao consenso e Goretto assume a presidência. *Jornal da Manhã*, Ponta Grossa, 27 abr. 1993.

PUZIO, Marcelo. *Por entre as colunas políticas: as representações das eleições municipais na imprensa escrita em Ponta Grossa - 1992/1996/2000*. Ponta Grossa, 2012.

RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. 472 p.

RODRIGUES, Lorena da Silva. *Elites políticas em três perspectivas: origem social, carreira pública e valores dos membros dos poderes executivo e legislativo de Ponta Grossa/PR (1993-2004)*; 2006; Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Paraná.

SALOMÃO, Roberto Elias. *Os Anos Heroicos: o Partido dos Trabalhadores do Paraná do Nascimento até 1990*. Curitiba, pt, 2010.

SCHIMANSKI, Elizabete Fernanda. *Conservadorismo e tradição em Ponta Grossa: representação social, mito ou realidade na política local?*. Ponta Grossa, 2007. 163 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

SECCO, Lincoln. *História do PT (1978-2010)*. Cotia: Ateliê, 2011, 320 p.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Brasília: Editora da UnB, 1999. V. II.

